

A literatura inter(dita)

The forbidden literature

Alex Rezende HELENO*

UFJF

Resumo: O presente artigo tem por finalidade discutir a obra *Violetas e Pavões* (2009) de Dalton Trevisan, obra que aborda questões marcantes do cotidiano e que suscita, portanto, de discussões aprofundadas. Buscar-se-á pensar a obra a partir de estudiosos como Antoine Compagnon, Stuart Hall e outros pensadores que discorreram acerca da importância da literatura e das questões ligadas ao pós-modernismo, tais como o deslocamento e a fragmentação do indivíduo contemporâneo.

Palavras-chave: Censura. Pós-modernidade. Sociedade.

Abstract: This article aims to discuss the book *Violetas e Pavões* (2009), written by Dalton Trevisan, a work that addresses important daily issues and therefore requires in-depth discussions. We will be thinking this book using scholars as Antoine Compagnon, Stuart Hall and other thinkers who discussed about the importance of literature and the issues associated with postmodernism, such as displacement and fragmentation of the contemporary individual.

Keywords: Censorship. Postmodernity. Society.

Introdução

Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? (FOUCAULT, 1996, p. 8)

Em 2012, o conceituado Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (COLUNI-UFV) indicou para a seleção de alunos (“vestibulinho”) a obra intitulada *Violetas e Pavões* (2009) de Dalton Trevisan. Trevisan é um autor reconhecido pelo público e pela crítica, tendo recebido também em 2012 o Prêmio Camões, maior prêmio literário em Língua Portuguesa.

Apesar disso, pais de alunos, cursinhos preparatórios e instituições religiosas repudiaram a escolha da obra. A linguagem picante, os diálogos incomuns e eróticos, o universo das drogas, do crime e da sexualidade foram os motivos para se pedir a retirada da obra do “vestibulinho”.

Após o episódio de indignação dos atores acima mencionados, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) da Universidade Federal

* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa. Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

de Viçosa (UFV) emitiu uma nota informando que, após reunião, decidiu-se pela retirada da obra do edital de seleção dos alunos.

O episódio levanta preocupações acerca do poder da censura em pleno século XXI. E pior, o fato de tal censura ter partido de uma conceituada universidade pública. A medida autoritária mostrou a falta de diálogo com os próprios professores do curso de Letras da mesma Universidade, que são capacitados a esclarecer o público leitor (sobretudo àqueles que optaram pela censura) sobre os aspectos literários da obra, de forma crítica e com embasamento teórico. Além disso, a Universidade mostrou ignorar aqueles leitores que eram a favor de manter a obra na seleção. Incluem-se aí os próprios alunos e professores do COLUNI.

Por outro lado, o triste episódio mostra também a força que a Literatura ainda exerce enquanto discurso que vai de encontro ao discurso do poder. Ao expor fatos do cotidiano, *Violetas e Pavões* nos leva a refletir acerca da fragmentação da sociedade (o próprio fato da censura mostra tal aspecto) e, conseqüentemente, a fragmentação do indivíduo contemporâneo.

As temáticas abordadas nos contos são de forte conteúdo, mas que não é distante da realidade social brasileira. Mostra que há ainda uma tendência a se fechar os olhos aos grandes problemas sociais, sobretudo, ligados à desigualdade. Os problemas relatados são sempre tratados como sendo do “outro”, e por isso se justifica a falta de discussões aprofundadas.

O papel da literatura é, portanto, buscar essas experiências do outro e compartilhá-las de forma a sensibilizar o leitor. Na passagem seguinte, tirada do conto “Não Conheço a Evinha”, vemos o conturbado mundo de uma das personagens. Trata-se dos conflitos da vida expressos através da escrita, através da literatura:

não conheço nenhuma Evinha do Pó
nem vendo droga
também não fui presa na Riachuelo
foi sim na Santos Andrade
eu tava passando mal
me sentei ali na calçada
não tinha droga comigo não senhor
chegou um tira
foi logo me apertando a garganta
caí de costa sem sentido
acordei peladinha e descalça
no meio da rua
(...)
(TREVISAN, 2009, p. 13)

Os episódios narrados nos contos que compõem a obra retratam aspectos da sociedade contemporânea e se aproximam de fatos que podem ser percebidos e vistos com frequência nos meios de comunicação de massa.

Mas, claro está que a literatura tem uma força maior enquanto discurso, haja vista a discussão gerada em torno da obra. Os aspectos estéticos se juntam a uma crítica e a uma exposição dos problemas vividos pelo indivíduo na sociedade. A obra não permite, portanto, uma leitura rasa dos contos.

A literatura é, por conseguinte, algo mais que os meios de comunicação, os quais, pelo excesso e constância de notícias trágicas, “anestesia” o expectador, fazendo com que este perca sua sensibilidade. A literatura possibilita recuperar a sensibilidade do leitor e está aí para inquietá-lo, tirá-lo de sua acomodação, expor as mazelas da sociedade e não apenas para trazer o conforto de uma leitura agradável. De acordo com Antoine Compagnon, em *Literatura para quê?*,

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais do que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e empatias. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. (COMPAGNON, 2009, p. 50).

A literatura consegue exprimir numa linguagem detalhada as regiões da experiência que mais incomodam o indivíduo e que são temas tabus na sociedade: a sexualidade, a intimidade do corpo, a intimidade do outro, a pedofilia, a violência doméstica, o mundo das drogas etc.

Ainda com Antoine Compagnon pode-se perceber o questionamento a respeito das finalidades da literatura. Concordamos com ele na seguinte passagem: “Lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem.” (COMPAGNON, 2009, p. 29).

A literatura é, portanto, uma fonte de conhecimento do mundo em que vivemos e, mais que isso, é uma fonte de conhecimento do outro. Ao abordar e expor temas do cotidiano, Dalton Trevisan, nos traz experiências do outro, fazendo com que reflitamos sobre a diversidade de identidades e de culturas. A esse respeito, Compagnon salienta que:

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (COMPAGNON, 2009, p. 47).

Sensibilizar o leitor e fazer com que ele perceba o fato de que os outros são muito diversos é a possibilidade de ampliar o campo de visão desse mesmo leitor. Ao ampliar “os mundos” do leitor pode-se concluir, portanto, que “A literatura é um exercício de pensamento; a leitura, uma ‘experimentação dos possíveis’”. (COMPAGNON, 2009, p. 52). Experimentar aquilo

que está além do círculo social a que se está habituado possivelmente tenha motivado o pedido de retirada da obra do exame de seleção, pelo fato de trazer um desconforto. Tal desconforto deveria se revolver pelo diálogo e não pela censura.

Metáfora: ponte entre a vida e a arte

A metáfora, segundo Richard Shiff, é uma ponte que permite a passagem de um mundo a outro, no sentido de continuidade e mudança gradual. Essa ponte que liga a vida à arte e vice versa pode ser percebida na obra de Trevisan. Ao relatar fatos do cotidiano, Trevisan estabelece essa importante relação entre a arte e a vida, pois a palavra escrita reforça o caos presenciado no cotidiano, que é muitas vezes ignorado por nossos olhos já acostumados e cansados, por vezes insensíveis. Beira-se à cegueira!

Podemos perceber a metáfora (essa ponte entre a arte e a vida) na passagem tirada do conto intitulado “Mocinha Perdida de Amor”:

Quando então a convidou para jantar, ela pediu que fossem a um restaurante simples. Denise é quase hippie. Sempre de jeans, tênis, roupas alternativas. Puxa maconha direto, causa dos dentes amarelados. O que não a impede de ser espirituosa, irreverente, toda risos. (TREVISAN, 2009, p. 8).

Percebemos no trecho a relação entre vida e arte. A passagem traz uma breve descrição da personagem, de seu comportamento, dos modos de agir e das escolhas que a aproximam do leitor. Portanto, “A arte, considerada como expressão ou comunicação, funciona como metáfora, ligando o indivíduo ao seu mundo em expansão.” (SHIFF, 1992, p. 112).

A arte expressa, dessa forma, a possibilidade de se abrir a outros mundos. Ela leva o leitor a uma empatia (ou não) com o personagem e com o “mundo” desse personagem. Há uma expansão do mundo do leitor, que não ficará indiferente às situações apresentadas. O leitor torna-se, pois, sensível às situações apresentadas.

Ainda com Shiff (1992), verificamos que a obra de arte pode ser considerada viva pelo fato de estar associada à experiência do artista ou à do público em si. Essa relação (com o outro, com o inesperado, com aquilo que se quer evitar) pode se mostrar na forma de uma aproximação de experiências semelhantes ou na repulsa de experiências impensadas, indesejadas (como é o caso da pedofilia, do estupro, da violação do sujeito). Portanto:

A experiência associada à obra de arte pode ser a do artista ou a do público. Em ambos os casos, a obra é geralmente considerada viva. Ela parece viva tanto pelo fato de apresentar a vida ou experiência do artista como pelo fato de ela poder induzir uma resposta empática por parte do espectador que faz com que ele sinta a força viva que se encontra no interior da obra em si. (SHIFF, 1992, p. 115)

No conto “A culpada” verificamos episódios de um machismo exacerbado. Na concepção do personagem masculino, a mulher é vista como uma propriedade, sem direitos ou escolhas. A mulher torna-se culpada, e não vítima, dos erros do homem (do ato de pedofilia cometido por este),

[...]

acho que cinco aninhos por aí
não se assustou nem chorou
só fiz isso e só uma vez
com essa única menina
me sinto um homem perdido
mais que acabado
daí a mulher me botou pra fora
tudo aconteceu por culpa dela
mania de grandeza
com aula a semana inteira
sete às dez da noite
em vez de ficar obediente
bem sentadinha
no colo do homem da casa
(TREVISAN, 2009, p. 25)

A obra torna-se viva, portanto, ao apresentar relatos que causam repulsa. O trecho destacado mostra ainda a fragmentação da sociedade em experiências e culturas diversas, pois se torna visível o conflito entre a independência da mulher e o desejo de controle sobre a mesma por parte do homem. As questões de gênero são marcantes na obra haja vista esse conflito entre dependência e independência, entre o discurso machista (que prega a obediência da mulher ao homem – discurso ainda valorizado em nossa sociedade) e a tentativa de um contra-discurso trazido pelo próprio conto ao possibilitar que o leitor reflita sobre o assunto. A formação do cidadão deve passar por discussões que abordem as questões de gênero. Ignorá-las reforçará os preconceitos existentes.

A arte se apresenta ao leitor como um mundo caótico, fragmentado, com experiências diversas e divergentes. As mazelas, as fragilidades, as dores e tristezas são expostas e compartilhadas. De acordo com Shiff, “A técnica ou linguagem da obra de arte é em si mesma a ponte ou ligação entre o mundo da experiência do indivíduo e o mundo da experiência ou cultura ‘compartilhados’.” (SHIFF, 1992, p. 118). Essa proximidade entre a linguagem dos personagens e a linguagem do cotidiano possibilita, nos contos de Trevisan, essa relação metafórica.

A metáfora nos faz enxergar nossa posição intermediária. Ela é a ponte que nos permite transitar entre a vida e a arte ou vida e morte. Mostra nosso estado de dúvida constante. Segundo Shiff,

Nossa vida é modelada sobre nossa arte e nossa arte é modelada sobre nossa vida. Desse modo, como indivíduos, nos mantemos em estado de dúvida: buscamos conhecimento através da experiência, descobrimos novas verdades. Nosso interesse presente na metáfora parece adequado à nossa posição intermediária; nos vemos em trânsito entre vida e arte ou vida e morte. (SHIFF, 1992, p. 124-125).

Esse trânsito entre vida e arte ou vida e morte pode ser percebido no conto “A Desgraça de Zeno” e em outros contos da mesma obra. O conflito entre a vida que se perde instantaneamente e o desejo de se manter a salvo é expressivo na passagem abaixo:

Sim, o meu irmão Zeno era bom moço e batalhador. Certo, ainda que viciado. Não bebia nem era de briga. Fez dívidas de droga, eu sei, até cheguei a pagar algumas. (...)

- A polícia, turma. Sujou, é a polícia!

Um deles quis pular a janela e, quando viu o cerco, voltou. A casa foi invadida. Tinha ali dois tipos de olho vidrado, três mulheres e uma ou duas crianças. (...) (TREVISAN, 2009, p. 15-17)

Vidas que se fragmentam por causa da violência, do tráfico, da desigualdade. Tudo isso se reflete sobre os sujeitos inseridos nesses espaços de caos. Esses sujeitos são privados de experimentar outras possibilidades; possibilidades essas (boas ou ruins) que serão oferecidas ao leitor e contribuirão para que se discutam assuntos importantes e necessários à sociedade e que passam pelo respeito às diversidades, pela luta por igualdade, pela necessidade de pensar a si mesmo e ao outro.

A oscilação do sujeito pós-moderno

O sujeito pós-moderno vive sob o signo da oscilação, da fragmentação. Essa questão é tratada por Laymert Garcia dos Santos, que nos propõe um estudo cujo conteúdo oferece a oportunidade de problematizar a experiência do sujeito na pós-modernidade¹. Para atender a esse objetivo, ela se utiliza de três importantes pensadores: Walter Benjamin, Gianni Vattimo e Paul Virillio, que trazem colaborações para compreendemos a metamorfose da percepção.

Nosso modo de observar e perceber o mundo muda constantemente. Mas a partir do surgimento da fotografia e, posteriormente, do cinema, essa mudança ocorreu de forma rápida e trouxe como consequência o surgimento de produtos e tecnologias que se tornam obsoletos com grande velocidade. Isso fez com que o sujeito se perdesse e perdesse um pouco da sensibilidade no oceano de imagens fotográficas e filmes. Portanto, de acordo com Laymert dos Santos, “Nesse sentido, a arte seria a arte da oscilação entre

¹ Trata-se do capítulo *Modernidade, pós-modernidade e metamorfose da percepção*. In: GUINSBURG, J., BARBOSA Ana Mae (Org.). *O Pós-Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 71-84

o pertencimento ao mundo e a sua perda, entre o sentido e a ausência de sentido.” (SANTOS, 2005, p. 77).

A arte reflete a fragmentação do sujeito moderno, bem como o sujeito reflete a fragmentação da arte (a metáfora como ponte). Nos contos presentes na obra de Trevisan é possível perceber esse indivíduo que oscila num caos constante. A busca pelo sentido, por parte do leitor, se choca com a falta de sentido vivida pelos personagens. Cria-se uma situação de desespero, de não-lugar. Vejamos um trecho retirado do conto “Essa Tal Ana”:

[...]
ela tem três filhos perdidos por aí
no dia que o Edu foi preso
Ana cuidava deles
aí abandonou as crianças
largou tudo que tava lá
sumiu no meio do nada
eu não desconfiava agora fiquei sabendo
ela vendia pó e pedra sim senhor
o Edu que fornecia
[...]
(TREVISAN, 2009, p. 33)

A obra traz a questão da oscilação entre pertencimento e deslocamento, pois o indivíduo faz parte de uma sociedade, mas esta tende a excluir os menos favorecidos. Os personagens são, em sua maioria, indivíduos excluídos, marginalizados, ignorados pelas políticas públicas, em sua maioria. O trecho mostra uma família desestruturada psicologicamente e financeiramente. A facilidade em conseguir dinheiro através do tráfico de drogas acaba por trazer prejuízos maiores à família.

Excluir a obra do processo de seleção de alunos evidencia também a exclusão que praticamos contra a arte e contra grande parte da sociedade, que vive às margens, em meio às drogas, ao crime, à violência. O conflito surgido desses problemas se reflete nas perspectivas e na vida da própria sociedade.

Essa sociedade, de acordo com Santos, tem a marca de uma “liberdade problemática”:

O seu poder revolucionário tornou-se um *frisson* metafísico, por meio do qual a obra de arte leva o homem moderno a uma ‘liberdade problemática’: a liberdade de oscilar continuamente entre o pertencimento e o deslocamento, tão vaga que ‘sentimos dificuldade em conceber tal oscilação como liberdade’. (SANTOS, 2005, p. 78).

Todas as mudanças nas sociedades modernas, sejam elas tecnológicas e/ou psicológicas – no sentido de nos enxergarmos com outros olhos – são

marcas do que se convencionou chamar de globalização e trazem como consequência uma crise de identidade. De acordo com Stuart Hall,

A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2011, p. 7).

Essa crise de identidade – esse sujeito que oscila – é a marca da modernidade. O próprio fato de não se ver com bons olhos a relação de proximidade entre vida e arte – melhor dizer entre a arte e a vida vivida nas margens, como se percebe nos contos de Trevisan – mostra a fragmentação da sociedade e a diversidade de perspectivas.

A obra é sensível em relação às novas paisagens sociais que começam a se consolidar enquanto espaço. Segundo Hall,

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2011, p. 9).

As paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade são temas constantes nas artes modernas. Esses novos espaços trazem consigo os conflitos vivenciados pelos sujeitos pertencentes a essas paisagens, mas envolve também aqueles que pertencem a outras paisagens mais confortáveis.

Os problemas sociais, os preconceitos quanto às diferentes etnias, a diferença imposta aos gêneros, o machismo, a visão da mulher como gênero inferior, os tabus e preconceitos ligados à sexualidade mostram a fragmentação ocorrida na sociedade e a luta para superar os velhos preconceitos ainda presentes nas novas paisagens.

Voltamos, portanto, a falar de uma “liberdade problemática”: as novas paisagens mostram que avançamos no sentido de uma maior liberdade, contudo ela ainda traz em si os velhos preconceitos, cobertos com a máscara do “politicamente correto”. Perspectiva envolta em uma aura de silêncios e silenciamentos.

Em outro conto de Trevisan, “A pensão”, a questão dos gêneros é mostrada de forma problematizadora. O “machismo” se mostra em sua forma mais agressiva. A mulher conquistou o direito a uma pensão para os filhos e a possibilidade de denunciar a violência sofrida dentro da própria casa, mas a efetivação da justiça e a punição do agressor muitas vezes não se fazem valer, motivo responsável pelo aumento da violência:

três anos moramos juntos
veio uma filha agora com cinco
separados faz quase dois
mais de uma vez fui agredida
me deu soco e chute no rosto
quebrou um osso do queixo
surdinha do ouvido esquerdo
o corpo todo só mancha roxa
perdi dois dentes
tive de botar uma ponte
me bateu tanto assim
porque pedi a pensão da filha
[...]
(TREVISAN, 2009, p. 67)

Os diversos conflitos apresentados no texto abordam essa diversidade de experiências, de sujeitos, de vidas e de artes. Esse fato vai ao encontro da seguinte passagem, tirada do estudo de Hall sobre a identidade na pós-modernidade: “As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele [Laclau], são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos.” (HALL, 2011, p. 17-18)

Além dos conflitos vivenciados por esses indivíduos fragmentados, a linguagem utilizada na obra se aproxima da linguagem do dia a dia desses mesmos personagens. A linguagem “marginal” se transforma em arte – e vida. Descobre-se a vida do outro, a triste e incômoda angústia do outro. Esse fato torna-se perturbador, o que possibilita reflexões acerca de tais questões.

No conto “Cachaça e Pamonha” temos o reflexo da violência na formação e transformação do indivíduo:

Não é que inventa esse putto de me jogar álcool e tacar fogo? Uma pequena discussão, *dele* a cachaça, *minha* a pamonha... Ai de mim, queimada do cabelo à unha do pé.

Sete anos que isso aconteceu. E sonho até hoje com a boneca preta de pano que sou eu pegando fogo. (TREVISAN, 2009, p. 81).

Esse sujeito pós-moderno tem, portanto sua identidade aberta. Segundo Hall: “[...] de acordo com alguns teóricos, o ‘sujeito’ do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno.” (HALL, 2011, p. 46). A personagem constrói e reconstrói sua imagem, sua identidade a partir dos conflitos experienciados.

Em “Ele”, conto que provoca um choque no leitor, pode-se verificar o conflito de identidade na personagem. Após ser abandonada pela mãe,

a protagonista passa a viver apenas na companhia do pai. Esse começa a violentar a própria filha que, perturbada, chega a questionar a si própria se quando a mãe abandona o marido, torna-se obrigação da filha suprir tal ausência para o pai:

Com sete anos, eu tinha medo do escuro. Então me deixava deitar na cama de casal. Uma noite, meio dormindo, senti que me erguia a camisola. Não fez nada. Só olhando e falando bobagem que eu não entendi. [...]

Noite seguinte o mesmo se repetiu. Não era sonho, não. O que posso fazer, me diga, tadinha de mim? Não descubro o sentido. Se a tua mãe foge com outro, será que a filha tem obrigações... (TREVISAN, 2009, p. 94).

Todos os contos têm, portanto, a marca da pós-modernidade: apresentam paisagens fragmentadas, com personagens vivendo conflitos de identidade. A margem trazida para a arte, ou a arte levada para a margem, nos conduz a experiências conflitantes e, inegavelmente, inquietantes.

Considerações finais

Ao encerrar o texto refletindo acerca de *Dancer in the dark*, filme de Lars von Trier, Laymert Garcia dos Santos diz que a questão fundamental do filme é: “como lidar com a cegueira que progressivamente toma conta de nós?” (SANTOS, 2005, p. 84). Essa questão nos remete aos excessos da vida contemporânea: os excessos de imagem, os excessos de informações inúteis, os excessos de produtos que se tornam obsoletos com grande velocidade, influenciando no comportamento das pessoas.

Tais excessos da vida moderna tendem a distorcer a realidade e contribuem para essa fragmentação do indivíduo e sua consequente oscilação entre pertencimento e não-pertencimento, entre ter e não ter, entre “ser ou não ser”:

Quando a modernidade chega ao fim, o homem parece estar perdendo a capacidade de perceber e de imaginar, isto é, de produzir as imagens que conferem sentido à sua experiência; parece estar abdicando do exercício da potência da percepção, do eu ‘eu posso’ do olhar. (SANTOS, 2005, p. 83).

Nosso olhar não é capaz de discernir com clareza aquilo que nos rodeia. Não se consegue, portanto, dar sentido às nossas experiências. É preciso estar atento para não nos tornarmos cegos ao outro.

As discussões suscitadas pela obra *Violetas e Pavões*, de Dalton Trevisan, são extremamente importantes para se pensar os conflitos do indivíduo que vive em meio a uma sociedade desigual. Os relatos, muito próximos da realidade de diferentes sujeitos, devem fazer parte de diálogos

aprofundados na tentativa de se colocar no lugar do outro, de vivenciar os problemas do outro, como forma de conhecer para não disseminar preconceitos.

A tentativa de ignorar tais problemas, de censurá-los ou de silenciá-los é a pior hipótese que se pode escolher. Excluir a obra do ambiente na qual ela deveria ser objeto de profundas reflexões é impedir que se pense nos problemas visíveis ao indivíduo.

As diversas experiências oferecidas pela literatura ao leitor são essenciais para se formar um cidadão capaz de reconhecer a diversidade social em que está inserido. É a possibilidade de passar pela “realidade” do outro e compreendê-la sem ficar indiferente. Dar “voz” e visibilidade aos indivíduos marginalizados é um dos papéis da literatura. Papel que pode despertar os sujeitos para repensar suas posições e repensar seus problemas e conflitos.

Referências

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Trad. Laura Fraga Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Modernidade, pós-modernidade e metamorfose da percepção. In: GUINSBURG, J., BARBOSA Ana Mae (Org.). **O Pós-Modernismo.** São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 71-84.

SHIFF, Richard. Arte e Vida: uma relação metafórica. Trad. Victoria Claire Weischtordt. In: SACKS, Sheldon (Org.) **Da Metáfora.** Trad. Leila Cristina M. Darin et al. São Paulo: EDUC/Editora Pontes, 1992. p. 111-125.

TREVISAN, Dalton. **Violetas e pavões.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

Recebido em junho /2016.

Aceito em novembro /2016.